

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v16i28.730>

Revista Outros Tempos - Entrevista Prof. Dr. André Leonardo Chevitarese

Entrevista de Ana Livia Bomfim Vieira, professora do Departamento e do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual do Maranhão, com André Leonardo Chevitarese, professor do Departamento e do Programa de História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

1. Prof. André, você é um dos maiores pesquisadores em História do Cristianismo Primitivo, referência absoluta no Brasil. Por favor, conte-nos sobre sua trajetória acadêmica e de pesquisa.

Permita-me estabelecer, de imediato, uma pequena e rápida observação, especificamente quanto às pesquisas que realizo no campo das experiências religiosas. Não me vejo como especialista em “cristianismo antigo”, mas em História do cristianismo. Esta minha observação dialoga com a seguinte pergunta: o que vem a ser um “professor de história antiga”? Eu não acho que nenhum historiador seja professor de História Antiga (Medieval, Moderna ...); também não acho que um historiador seja “um pesquisador em cristianismo primitivo”. Toda pesquisa sempre é contemporânea, assim como todo pesquisador vive o aqui e agora. Implica dizer, todos os resultados obtidos pelas atuais pesquisas desenvolvidas no âmbito da disciplina História dizem respeito ao tempo presente.

Os resultados das minhas pesquisas, os quais apresento anualmente em forma de livro; capítulo de livro; artigo em revista acadêmica e/ou de divulgação científica; conferência em universidades e em seminários teológicos; e de aulas, produzem debates, controvérsias, críticas, incômodos, chateações em diversos leitores, estudantes e pessoas simples e comuns, as quais, a maioria delas, jamais estiveram em um ambiente acadêmico. Todas essas reações não guardam qualquer relação com um pretense “cristianismo primitivo”, mas com as atuais percepções de cristianismo, de como o meu público leitor e/ou ouvinte lê no aqui e agora não quem foi Jesus de Nazaré, mas quem ele é hoje, agora.

Feita esta pequena ressalva, eu me volto à minha trajetória acadêmica. Realizei pesquisas sistemáticas sobre democracia e campesinato antigos gregos (séculos VI-IV aEC) entre os anos de 1986 e 1997. Durante aquele período, indo até o ano de 2002, fui à Grécia algumas vezes, tendo participado de trabalhos de escavação nos santuários de Hera e de Ísis na ilha de Delos, além de ter me hospedado na Escola Francesa de Arqueologia de Atenas. Mas, logo após o término do meu Doutorado, em 1997, uma antiga paixão que eu nutria pelo cristianismo, em particular, o Jesus histórico, pensado aqui enquanto objeto de pesquisa, arrebatou-me e levou-me a trilhar este campo de pesquisa histórica.

Eis aí um aspecto interessante acerca deste objeto (o Jesus histórico) e que vale alguns esclarecimentos. Muitas pessoas, incluindo intelectuais e pesquisadores das áreas de História e da Teologia, tomam-no como pertencendo exclusivamente ao século I. Eu o vejo por uma outra perspectiva, com ele estando circunscrito a partir da segunda metade do século XVIII em diante. O estudo do Jesus histórico até pode se voltar à primeira metade do século I, no ambiente da Judeia e Galileia, mas ele se liga a outros variados campos de pesquisa da história do cristianismo, situados em outros contextos históricos, como, por exemplo, os retratos de Jesus no cinema.

Assim, para tornar aquele antigo relacionamento pelo cristianismo em algo mais duradouro, precisei fazer um enorme investimento intelectual, a começar por leituras de temas relacionados às áreas de História Moderna e Contemporânea. Eu já tinha uma clareza, ao longo da década de 1990, que o meu novo objeto de pesquisa colocava-me em contato direto não propriamente com (i) os paleocristianismos do século I e II, mas com as leituras contemporâneas feitas sobre aqueles paleocristianismos; e (ii) Jesus de Nazaré, mas com os seus inúmeros “retratos” modernos. Daí, por exemplo, eu ter me interessado em pesquisar (i) a importância do cinema na construção das experiências cristãs contemporâneas; (ii) o conceito de raça e as suas implicações nas atuais formas de representar a figura de Jesus; e (iii) a base antissemita nos atuais discursos sobre o Nazareno.

De maneira sumária, ao passar em revista esta minha trajetória acadêmica, gostaria de destacar a enorme generosidade dos meus pares do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, pois sempre recebi deles todo o apoio necessário para o desenvolvimento das minhas ideias, incluindo a abertura de um

espaço de pesquisa, o Laboratório de História das Experiências Religiosas (LHER-IH/UFRJ).

No âmbito mais restrito, há dez anos, passei também a orientar pesquisas em história e arqueologia da cidade do Rio de Janeiro, especialmente nos séculos XIX e XX. Trata-se de uma paixão que sempre nutri pela cidade em que eu nasci, cresci e ainda moro. Desde o tempo da minha Graduação em História (1982-1985), a cidade do Rio de Janeiro sempre despertou meu interesse. No início, como observado, pelo simples prazer de conhecê-la mais e melhor. Mas, os passos em direção ao oferecimento de disciplinas na Graduação e Pós-Graduação; às orientações de pesquisas de Mestrado e de Doutorado nos Programas de Pós-Graduação em História Comparada (IH-UFRJ) e de Arqueologia (Museu Nacional/UFRJ); e às publicações de artigos e livros deram-se em grande parte, senão no todo, ao incentivo que eu recebi do meu amigo, o professor Dr. Flávio dos Santos Gomes (IH-UFRJ), ele mesmo um importante especialista sobre a história do Rio de Janeiro. Ofereci, com ele, inúmeros cursos de Graduação e Pós-Graduação, além de ter compartilhado, e ainda compartilhar, orientações de pesquisas naqueles dois referidos Programas de Pós-Graduação. Este meu prazer em pesquisar a cidade do Rio de Janeiro só tem aumentado.

2. Por favor, fale-nos sobre o tema de pesquisa que desenvolve atualmente. Em que medida ele pode se relacionar com a temática deste dossiê?

Vou me ater a três temas de pesquisa¹ que podem dimensionar a relevância dos estudos sobre antiguidade clássica, sobre os paleocristianismos no tempo presente, no Brasil do aqui e agora.

Como resultado, em grande parte, da tese que eu escrevi para obtenção do posto de professor Titular no Instituto de História da UFRJ em 2017, publiquei o livro *Jesus no Evangelho do Discípulo que Jesus Amava. A Experiência Cotidiana numa Antiquíssima Comunidade Cristã*². Trata-se de uma análise histórico-arqueológica relacionada à comunidade joanina.

Como resultado de estudos feitos por um conjunto de pesquisadores do Laboratório de História das Experiências Religiosas (LHER-IH/UFRJ), surgiu a ideia de

¹ Dois deles recém-concluídos e outro que começa a ser rascunhado.

² Osasco: Ramalho Edições Acadêmicas, 2019.

publicar um livro, cujo título é *Ressurreição. Recepções na Literatura e Cultura Material Antigas Cristãs*³. Trata-se de uma obra organizada por mim e pelas historiadoras Juliana Cavalcanti Tavares e Tayná Louise de Maria. Eu e Felinto Pessoa de Faria Neto, meu doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Comparada (IH/UFRJ), escrevemos dois capítulos relacionados às recepções das narrativas das ressurreições da filha de Jairo⁴ e do filho único da viúva de Naim⁵ em sarcófagos cristãos entre os séculos III e V basicamente.

Por fim, estou começando a rascunhar uma biografia sobre Jesus. Trata-se ainda de uma simples ideia. Logo, seria prematuro dizer que ela vá vingar. O tempo dirá. O importante é salientar que não falta o que pesquisar no campo do Jesus histórico.

3. É ainda bastante comum a concepção de que os Estudos sobre a Antiguidade não têm lugar relevante na contemporaneidade. A que você atribui a permanência de concepções como esta?

Eu acho que há três aspectos que precisam ser considerados. Nenhum deles deve ser tomado como mais ou menos importante do que o outro. Em minha opinião, eles coexistem e ajudam a formar o todo.

De imediato, eu diria, que há uma crença em alguns professores que lecionam a disciplina de história antiga de que eles falam mesmo de um objeto antigo a partir da perspectiva dos antigos. É incrível, mas, em suas aulas, esses profissionais acreditam que são capazes de ir ao mundo antigo, às épocas (i) do Egito de Tutancâmon, (ii) da Babilônia de Nabucodonosor, (iii) da Atenas de Péricles e (iv) da Roma de César. Como se o mundo antigo estivesse palpavelmente em algum lugar; como se tais sujeitos estivessem ainda vivos em seus respectivos ambientes históricos. Ora, por não serem capazes de problematizar questões teóricas e metodológicas em suas respectivas salas de aula, eles próprios reforçam junto aos seus estudantes que “a antiguidade não tem lugar relevante na contemporaneidade”. Parafraseando a letra *Toda a Forma de Poder* da banda “Engenheiros do Hawaii”, muitos estudantes, diante de tais aulas, podem mesmo dizer: “eu presto uma atenção no que eles dizem, mas eles não me dizem nada”.

³ Rio de Janeiro: Kline editora, 2019 – lançamento previsto para setembro.

⁴ Mc 5:21-43, Mt 9:18-26, Lc 8:40-56.

⁵ Lc 7:11-17.

A seguir, vem um outro aspecto que eu diria estar relacionado à ignorância. Quero lembrar que ignorância não guarda qualquer relação com burrice, mas com o ato de ignorar, de desconhecer. Darei dois exemplos: (i) há professores, e eu não me refiro a poucos, nem apostaria que eles sejam tão minoria assim no ambiente acadêmico, que nunca entraram em museus, ao menos em museus brasileiros, pois se eles tivessem entrado parariam de recitar o velho e desgastado argumento de que não se pode estudar história antiga no Brasil porque todos os documentos relacionados a este campo do saber estão no exterior! Para não me alongar, nem multiplicar exemplos, eu recomendaria a esses professores uma visita ao Museu Histórico Nacional, no Rio de Janeiro, especialmente ao setor de numismática. Minhas palavras podem parecer duras e/ou deselegantes, o que não me incomoda nem um pouco, mas eu me pergunto: como entender este tipo de formulação crítica sem vê-la assentada na ignorância?; e (ii) eu não cheguei agora na Academia; tenho tempo suficiente para saber como a solidão acadêmica e o individualismo levam um colega de Departamento a não saber o que o outro faz, estuda ou pesquisa. E, por um acaso do destino, quando você se torna um pouco mais íntimo desse colega, depois de cruzar com ele pelos corredores da faculdade por mais de dez, quinze anos, e a oportunidade aparece e você lhe fala sobre a sua pesquisa, ele lhe confessa surpresa: “nossa, não sabia que se estudava tal objeto na antiguidade?” Em suma, a ignorância dos nossos pares, às vezes travestida de surpresa, também explica o fato de “a antiguidade não ter lugar relevante na contemporaneidade”.

Por fim, mas não menos importante, a conjuntura econômica do país explica determinados comportamentos dos nossos pares. Penso, por exemplo, no nosso momento atual, com cortes significativos de verbas na área do ensino, da pesquisa e de concursos para contratação de professores. Posso imaginar o cenário: os comitês das agências de fomento à pesquisa (CAPES, CNPQ e as Fundações Estaduais de Amparo à pesquisa) não são dominados por professores de história antiga; a maior parte do corpo docente de um Departamento de História não é constituída por professores de história antiga; agregue-se aí o fato de alguns dos seus inimigos estarem naqueles referidos comitês de fomento à pesquisa e/ou comporem com a maioria do corpo docente do seu Departamento. Diante desta conjuntura, eu te pergunto, mirando sempre a área história antiga: você saberia dizer o tamanho não da fatia, mas dos restos de um bolo de verba ridiculamente miserável que ela receberia proporcionalmente em relação ao que foi

destinado à História do seu departamento? Eu te ajudo na resposta: ela não comeria sobra nem migalha daquele bolo. Veja se o argumento que eu irei te apresentar não lhe parece convincente, como justificativa para o fato de você não ter direito nem de sentir o cheiro daquele bolo: “a antiguidade não tem lugar relevante na contemporaneidade”.

4. Estamos vivendo uma conjuntura política bastante singular, onde é possível perceber a presença crescente das concepções religiosas como filtro de compreensão de mundo e ação política. Como você avalia isto e de que forma o estudo da antiguidade poderia contribuir para esta reflexão?

Gosto da ideia de conjuntura, pois ela, de alguma forma, traz a lembrança de que nenhum contexto histórico é estático, de que ele está sujeito, a cada momento, a um conjunto variado de ações. Trata-se de uma paisagem que está sempre em movimento, sendo constantemente alterada. A que nós vivemos também vai passar.

Uma análise histórica de longa duração, pensada aqui como o convívio de múltiplas experiências politeístas e/ou paleocristãs, pode não ser uma boa pista para compreender o que aqui está sendo chamado de “a presença crescente das concepções religiosas como filtro de compreensão de mundo e ação política”.

Tais concepções religiosas foram forjadas, a partir da segunda metade do século XVIII em diante, no que se convencionou chamar de “Ocidente”, enquanto críticas a alguns postulados políticos e científicos que impactavam as bases do pensamento teológico cristão. Estas concepções religiosas nunca foram vanguarda, mas reações ao que julgavam ser o mundo colocado de ponta cabeça. Estes grupos constituem as bases do atual fundamentalismo religioso.

Há uma pesquisa que começa a ganhar corpo aqui no Laboratório de História das Experiências Religiosas (IH-UFRJ). Ela está sendo feita pela historiadora Tayná Louise de Maria. A sua proposta é analisar as bases constitutivas do movimento fundamentalista, pensado como uma experiência multifacetada: das suas origens inglesas do século XVIII, passando pelo impacto de suas ideias junto a grupos cristãos norte-americanos⁶ até o emblemático caso mundialmente conhecido como *The Monkey*

⁶ Incluindo aí os resultados da Assembleia Geral Presbiteriana de 1910 e a redação dos Fundamentos da década de 10 do século XX.

*Trial*⁷, cujo resultado foi a condenação de John T. Scopes, um professor de Dayton, Estado do Tennessee, EUA, em 1925.

Guardadas as devidas proporções, estes dados ajudam a entender de onde provém o chão do atual pensamento fundamentalista brasileiro, ao mesmo tempo em que não nos deixam esquecer que as reações variam de uma experiência religiosa cristã para outra e de um líder cristão para outro. Eles irão reagir de maneira diferente a alguns pequenos avanços obtidos pela sociedade brasileira, como, por exemplo: a laicização do ensino, incluindo o avanço das teses evolucionistas; das políticas públicas de defesa e de garantia de direitos aos grupos homoafetivos; e das crescentes denúncias de ataques e vilipêndios a grupos religiosos minoritários, especialmente, mas não exclusivamente, os grupos de matrizes afro-brasileiros.

Cada uma destas reações não deve ser lida de maneira estanque, pois tal análise inviabilizaria a capacidade de ver que o que está em jogo: e o que está em risco é a própria sobrevivência do estado democrático de direito, com todas as suas garantias constitucionais. Pois cada um desses ataques não se restringe a um grupo específico, mas a todos os brasileiros.

Um dos poucos pontos que dá liga e traz unidade aos movimentos fundamentalistas, bem como às suas lideranças, é o repúdio que todos eles nutrem pela democracia. Um fundamentalista nunca foi e jamais será democrático em suas reações, pois ele não tolera viver com quem pensa diferente dele; e apesar de ele se dizer tolerante, não respeita quem é diferente dele.

⁷ O Tribunal do Macaco.